

Universidade de São Paulo
Escola de Comunicações e Artes
Departamento de Jornalismo e Editoração
Centro de Estudos Latino-Americanos sobre Cultura e Comunicação

Marcelo Laganaro Rossi

**O posicionamento do jornalismo
brasileiro nos protestos no Chile**

São Paulo
2024

Universidade de São Paulo
Escola de Comunicações e Artes
Departamento de Jornalismo e Editoração
Centro de Estudos Latino-Americanos sobre Cultura e Comunicação

O posicionamento do jornalismo brasileiro nos protestos no Chile

Marcelo Laganaro Rossi

Orientadora: **Prof.^a Dr.^a Fabiana Felix do Amaral e Silva.**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Centro de Estudos Latino-Americanos sobre Cultura e Comunicação, da Universidade de São Paulo, como requisito parcial para a obtenção do título de Especialista em Mídia, Informação e Cultura.

São Paulo
2024

O POSICIONAMENTO DO JORNALISMO BRASILEIRO NOS PROTESTOS NO CHILE¹

Marcelo Laganaro Rossi²

Resumo: Este artigo tem por sujeito analisar como o Jornal da Cultura, o Jornal Nacional e o Seu Jornal repercutiram manifestações na América Latina, em especial os protestos no Chile em 2019. Seus objetivos específicos são a imparcialidade, a isenção, a neutralidade e a objetividade. Para isso, as metodologias de pesquisa aplicadas foram o levantamento bibliográfico e a análise do discurso. Finalmente, a pesquisa analisou materiais sobre três episódios que marcaram os protestos no Chile, deles resultando em pouco (ou nenhum) esforço de apuração, quando de cobertura dos países latino-americanos, sendo uma reportagem, cinco notas e três depoimentos.

Palavras-chave: América Latina; análise de cobertura; movimentos de resistência; e protestos no Chile.

Abstract: This article aims to analyze how Jornal da Cultura, Jornal Nacional and Seu Jornal reflected demonstrations in Latin America, especially the protests in Chile in 2019. The specific objectives are impartiality, exemption, neutrality and objectivity. For this, the research methodologies applied were bibliographical survey and discourse analysis. Finally, the research analyzed materials about three episodes that marked the protests in Chile, resulting in little (or none) investigative effort when covering Latin American countries, with one report, five notes and three testimonies.

Key words: Latin America; coverage analysis; resistance movements; and protests in Chile.

Resumen: Este artículo tiene como objetivo analizar cómo Jornal da Cultura, Jornal Nacional y Seu Jornal reverberaron las manifestaciones en América Latina, en especial las protestas en Chile en 2019. Sus objetivos específicos son la imparcialidad, la exención, la neutralidad y la objetividad. Para eso, las metodologías de investigación aplicadas fueron la investigación bibliográfica y el análisis del discurso. Por último, la investigación analizó materiales sobre tres episodios que marcaron las protestas en Chile, resultando en poco (o ningún) esfuerzo de investigación al abarcar países latinoamericanos, siendo un reportaje, cinco notas y tres testimonios.

Palabras clave: América Latina; análisis de cobertura; movimientos de resistencia; y protestas en Chile.

¹Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Centro de Estudos Latino-Americanos sobre Cultura e Comunicação, da Universidade de São Paulo, como requisito parcial para a obtenção do título de Especialista em Mídia, Informação e Cultura.

²30 anos, é bacharel em Comunicação Social com habilitação em Jornalismo, pela Universidade Presbiteriana Mackenzie (2014-2018), especialista, pós-graduado *lato sensu*, em Produção e Práticas Jornalísticas na Contemporaneidade, pela Faculdade Cásper Líbero (2019-2020) e estudante de especialização, pós-graduando *lato sensu*, em Mídia, Informação e Cultura, na Universidade de São Paulo (2023-). Email: malrossi94@gmail.com.

Introdução

“No son 30 pesos, son 30 años.” Mote dos protestos populares que ensurdecem as ruas da capital chilena Santiago desde uma quinta-feira, 17 de outubro de 2019, o aumento da tarifa das passagens do metrô da cidade em 30 pesos chilenos (o equivalente a R\$ 0,17 na cotação à época) desencadeou pavor em sua população, receosa que estava, com o retorno de medidas econômicas neoliberais, impostas pelo general Augusto Pinochet (1974-1990), quando do golpe militar que apunhalou do poder Salvador Allende, em setembro de 1973.

A faísca que ardeu o Chile incendiou um sopro de esperança em outros seis seus países vizinhos no subcontinente sul-americano há cinco anos. Do estouro de uma crise política, que se tornaria insustentável e que nomeou presidente autoproclamado da Venezuela Juan Guaidó, então deputado federal e ex-presidente da Assembleia Nacional daquele país, em janeiro de 2019, à pressão popular para a aprovação de uma lei de assistência alimentar na Argentina, em setembro do mesmo ano, demandas não faltavam em uma América do Sul que a(s)cendia, a partir dali, um rastilho de pólvora.

Este artigo tem como objeto de apreciação investigar a cobertura das manifestações populares na América Latina, movimentos de resistência que se espalharam na região. Sua matéria de pesquisa, por meio de perspectiva política, compreende os protestos no Chile.

A partir do enunciado, o seguinte problema é formulado: como diferentes tipologias audiovisuais – o Jornal da Cultura (TV Cultura), o Jornal Nacional (Rede Globo) e o Seu Jornal (Rede TVT/TV dos Trabalhadores) – repercutiram as manifestações populares na América Latina e, em especial, os protestos no Chile em 2019?

Seus objetivos específicos são ponderar a noção de imparcialidade na notícia, atestar a importância da isenção dos fatos, verificar o princípio da neutralidade narrativa e confirmar a concepção de objetividade textual.

Como justificativa para a confecção desta pesquisa, se apresentam, sobre à mesa, um argumento e uma curiosidade. Primeiro, a tese, defendida por este autor, de que nem todas as repercussões jornalísticas praticam, em suas redações, o exercício da imparcialidade, isenção, neutralidade e objetividade. E, depois, o interesse em se ler, escutar e assistir aos fatos do noticiário internacional, no caso, dos protestos no Chile, por meio de um olhar estrangeiro, latino-americano, brasileiro.

Estruturando essa linha de raciocínio, as metodologias de pesquisa aplicadas a este artigo foram duas, o levantamento bibliográfico e a análise do discurso. Introduzida no campo da Linguística, sob a ingerência do Estruturalismo francês, a análise do discurso pode ser considerada, também, como uma disciplina da Comunicação responsável por analisar de que maneira são realizadas as construções ideológicas de determinado texto.

O levantamento bibliográfico, chamado, também, de pesquisa bibliográfica é, por sua vez, estratégia anterior ao seu processo de confecção, etapa essa em que o autor coletou o maior número de dados e informações, referentes ao seu sujeito/objeto de estudo, com a finalidade de rascunhar a escrita do seu artigo.

A pesquisa se propõe a analisar conteúdos, que trouxeram os noticiários Jornal da Cultura, Jornal Nacional e Seu Jornal, sobre três episódios que marcaram os protestos no Chile. Considerando-se, para isso, um intervalo de 203 dias, ou sete meses, aproximadamente, período esse que compreende de 7 de outubro de 2019 a 26 de abril de 2020, pelo menos, foram selecionadas as edições de 19 e 26 de outubro de 2019 e 26 de outubro de 2020.

Escrutinadas as efemérides, acima mencionadas, se depreende que todos os três programas telejornalísticos, sem exceção, não basearam, as produções que levaram ao ar, sobre os protestos no Chile, em alguns dos elementos fundamentais do jornalismo, como a imparcialidade, a isenção, a neutralidade e a objetividade, trabalhados neste artigo. A análise dos dados coletou nove matérias, dessas, uma reportagem, cinco notas jornalísticas cobertas e três depoimentos.

Este texto apresenta três tópicos e um subtópico, sem contar a Introdução e as suas Considerações finais. O primeiro tópico aborda uma possível definição para jornalismo e suas principais características, como a de valores-notícia e critérios de noticiabilidade, bem como procura conceituar os sentidos de imparcialidade, isenção, neutralidade e objetividade.

No mesmo tópico, ainda, está registrado um retrato com a fotografia do momento político e social por que atravessavam algumas, sete delas, das repúblicas latino-americanas em finados de 2019; um subtópico mostra os protestos que enfrentavam o Chile, em outubro daquele ano, e a contextualização da condição de sua capital, Santiago. O segundo elabora materiais e métodos utilizados neste estudo, caso da análise do discurso. Por fim, o terceiro e último tópico deste artigo, encaminha, baseadas nas metodologias, análises das coberturas que acompanharam, dos protestos no Chile, telejornais de três emissoras de tevês brasileiras.

1. Problematização e fundamentação teórica

1.1 Breve introdução sobre conceitos do jornalismo

Ao ingressar em uma instituição de ensino superior, ao/à estudante de jornalismo são oferecidas diferentes disciplinas, práticas e teóricas, e conceitos, nevrálgicos para a proposta que se assume neste artigo, que o/a ajudarão em uma melhor compreensão da realidade. Entre os seus conceitos, o de objetividade, por exemplo, tem como premissa a ideia de que os fatos são subjetivos, e de que suas construções estão intermediadas pela percepção que cada indivíduo tem da realidade à sua volta.

1.1.1 O que é objetividade

“Quando o público e os jornalistas percebem que os textos são influenciados pela subjetividade e podem distorcer a realidade – até mesmo por força do inconsciente, como demonstrou Freud –, o mundo encontra-se em plena crise do sistema democrático” (PENA, 2013, p. 50-51). Felipe Pena, jornalista brasileiro, é quem melhor define o conceito de objetividade no jornalismo.

Epistemologicamente, a concepção de objetividade textual pode, também, ser interpretada por meio da mediação da realidade, que é subjetiva. Para a jornalista e professora brasileira Liriam Sponholz, “somente uma noção de objetividade que se posicione com relação a esta questão [a da mediação entre o público e a realidade] pode contribuir para que o jornalismo cumpra a sua função de informar e de ajudar o receptor a ‘encontrar-se’ dentro do ambiente em que vive” (SPONHOLZ, 2009, p. 18).

Retomando o que nos ensinou Pena a respeito da objetividade, a obrigação, escreve ele, que tem o jornalista de sempre ouvir os dois lados da história, faz com que a notícia esteja carregada de opiniões (PENA, 2013, p. 51). Declarações dadas sobre determinado acontecimento, na prática e desde sempre, são mais valorizadas que os fatos em si.

Neste contexto, objetividade passa a ser foco em fatos, em declarações descritivas. Os defensores desta ideia – que assumiu um lugar central no jornalismo – é de que os fatos revelam a realidade em estado puro, sem a intervenção de um sujeito conhecedor (Lane 2001, 40; Mindich 1998, 107; Schudson 1977, 6). No centro desta noção de objetividade encontra-se, portanto, a função do jornalismo como mediador da realidade, ou seja, a relação entre as realidades midiática e social (SPONHOLZ, 2009, p. 21).

1.1.2 O que são critérios de noticiabilidade e valores-notícia

Outro conceito, além do de objetividade, empregado pelo jornalismo, é o de noticiabilidade, critério adotado por profissionais da imprensa – ou, quase todos – para escolher fatos que têm a capacidade de se transformarem em notícia. De acordo com Mauro Wolf, “definida a noticiabilidade como o conjunto de elementos através dos quais o órgão informativo controla e gere a quantidade e o tipo de acontecimentos, de entre os quais há que seleccionar as notícias, podemos definir os valores/notícia como uma componente da noticiabilidade” (WOLF, 1999, p. 130).

Segundo Nelson Traquina, respaldado nos trabalhos de Wolf, os valores-notícia devem estar presentes em todo o processo de produção jornalística (TRAQUINA, 2013, p. 75). A componente da noticiabilidade a que Mauro Wolf se refere, no parágrafo acima, os valores-notícia, precisam fazer parte tanto dos processos de seleção dos acontecimentos, como no de elaboração da notícia.

Das duas considerações gerais que falta fazer, a primeira diz respeito ao carácter dinâmico dos valores/notícia: mudam no tempo e, embora revelem uma forte homogeneidade no interior da cultura profissional – para lá de divisões ideológicas, de geração, de meio de expressão, etc. –, não permanecem sempre os mesmos [...] A segunda constatação, que está ligada à anterior, indica que “a especialização temática constitui um índice significativo do modo como os valores/notícia se traduzem em práticas organizativas [...]” (WOLF, 1999, p. 132-133).

A capacidade de adaptação a dado contexto que os valores-notícia têm e a investigação setorializada em temas específicos podem ser considerados dois dos pontos, enumerados por Wolf, na confecção da narrativa jornalística. “Os valores-notícia são um elemento básico da cultura jornalística que os membros desta comunidade interpretativa partilham. Servem de ‘óculos’ para ver o mundo e para o construir” (TRAQUINA, 2013, p. 91).

1.1.3 O que é neutralidade

“S.f. 1. Condição daquele que se abstém de tomar partido, que se mantém neutro [...]” (NEUTRALIDADE, 2024) é a primeira de cinco definições que a versão *online* do Michaelis traz para o verbete “neutralidade”. Josenildo Luiz Guerra escreve que o jornalismo precisa estar alheio a todo e qualquer interesse que comprometa a sua apuração dos fatos e a objetividade do que é relatado (GUERRA, 1999).

O estereótipo do texto jornalístico é o texto noticioso. Nele se encontram características textuais buscadas pela imprensa: objetividade, neutralidade e clareza nas informações. Para atender a essas características, o texto é submetido ao crivo editorial, que padroniza a linguagem usada pelo jornalista. Este tem que

relatar os fatos jornalísticos de acordo com a realidade, a partir de uma seleção linguística que priorize a clareza e afaste qualquer dúvida sobre a tão preciosa imparcialidade jornalística (MELO, 2004).

Conforme Sandra Melo, políticas editoriais das redações moldam a linguagem escrita ou falada pelo/a profissional com o objetivo de extrair mais clareza nas informações que por esses são transmitidas. “A neutralidade é uma condição fundamental para a imparcialidade: a recusa tanto do jornal como do repórter em tomar partido numa polêmica” (GUERRA, 1999).

Em sua tese, Guerra costura uma linha tênue entre os princípios da neutralidade narrativa e o da imparcialidade, considerando a primeira como pré-requisito para se alcançar a segunda, e não o contrário. De acordo com Melo, “deve-se frisar que o postulado de neutralidade do texto noticioso advém da precisão, clareza e transparência da língua usada na produção desse texto” (MELO, 2004).

1.1.4 O que é imparcialidade

Segundo [...] Josenildo Luiz Guerra, ao falar em imparcialidade trata-se do jargão, que se ouve comumente nas redações, “ouvir os dois lados” quando houver divergências. O conceito de imparcialidade, neste caso, está vinculado a uma exigência de pluralidade na cobertura jornalística. O jornal, para resguardar sua isenção, sua neutralidade e não tomar partido, apenas apresentaria as versões. Caberia ao leitor decidir qual a verdadeira versão para ele (GUIMARÃES, 2005).

A partir do experimento que fez Guerra, em seus estudos, Rogério Guimarães estabelece uma boa definição para o conceito de imparcialidade no jornalismo – e pluralidade ou “fairness” (SPONHOLZ, 2009, p. 29). “É a imparcialidade que diferencia o discurso jornalístico do discurso de outros agentes, que podem tentar (e frequentemente tentam) mobilizar tais valores, mas sempre o fazem a partir de uma posição interessada (porque parcial)” (MIGUEL; BIROLI, 2010).

No artigo que produziram, Luis Felipe Miguel e Flávia Biroli afirmam, desconhecendo o processo de apuração da notícia, que a retórica jornalística pode ser considerada diferente das demais, pois imparcial, quando, muitas vezes, parcial ela é. Conforme nos conta Guimarães, em seu trabalho de conclusão de curso, “as subjetividades do homem podem ser limitações para a imparcialidade jornalística, mas podem também não ser, dependendo do posicionamento do profissional e de suas intenções” (GUIMARÃES, 2005).

Subjetividades, interesses ou intenções são alguns dos diferentes entraves enfrentados por jornalistas ao retratar as suas histórias em reportagens. Para Miguel e Biroli, a noção de imparcialidade da notícia, ao mesmo tempo que dá voz a dois ou mais lados de um fato, não

consegue organizar os pensamentos diverso e contraditório em uma mesma linha de raciocínio, resultando em uma “simulação controlada” dos conflitos sociais (MIGUEL; BIROLI, 2010).

1.1.5 O que é isenção

“A tese sobre a impossibilidade da isenção não está demonstrada. Talvez se confunda a falta de isenção com impossibilidade epistemológica ou cognitiva de tal operação” (SILVA; LARANGEIRA, 2022). Por fim, os pesquisadores Juremir Machado da Silva e Álvaro Larangeira, por meio das teorias do jornalismo, discutem a importância da isenção dos fatos em ensaio.

Demonstrada como falácia em razão de divergentes interesses, a isenção no jornalismo ou do/a jornalista, na prática, não se pode comprovar. Segundo Bruno Viterbo, em artigo escrito para plataforma virtual, “a aura de isenção tomou de assalto as instituições de comunicação. São raros os cursos de jornalismo que estimulam o debate: no período acadêmico, formam alunos sob o modelo fordista de produção” (VITERBO, 2018, *online*).

A complexidade que a isenção traz ao jornalismo, escrevem Silva e Larangeira, alterna vantagens e desvantagens para a profissão; todo/a e qualquer jornalista defende o seu lado e, ao mesmo tempo, tem de assumir compromisso com os fatos, a verdade (SILVA; LARANGEIRA, 2022). Considerado elementar na teoria jornalística, a isenção; na prática, o seu exercício é bem mais complicado.

A isenção e a imparcialidade criam zumbis desprovidos de opinião. Sem o pensamento crítico – de todos os lados do espectro ideológico, político, gastronômico, esportivo... –, estamos criando uma legião de pessoas desinformadas, que apenas comem aquilo que lhe dão à boca, sem degustar. A isenção, por fim, nos torna abertos a qualquer tipo de conteúdo. Um perigo (VITERBO, 2018, *online*).

Ser imparcial, isento, neutro e objetivo, diferentemente do que pensam muitos, não torna a escrita do texto jornalístico mais credível. Sua importância está, em tese, na apuração não distorcida dos fatos e na não produção de conteúdo de caráter tendencioso.

1.2 Sobre manifestações populares na América Latina em 2019

Contagiados que estavam por sentimentos de insatisfação, populares de países latino-americanos foram às ruas protestar. De Caracas, na Venezuela, localizada na porção setentrional do subcontinente sul-americano, onde uma crise política se instaurou desde, pelo

menos, o final de abril de 2019, envolvendo a situação, representada pelo presidente Nicolás Maduro, a oposição, encarnada na figura de Juan Guaidó, e uma tentativa de golpe de Estado, a Buenos Aires, capital da Argentina, ao sul, em que uma pressão popular para a aprovação de uma lei de assistência alimentar aos mais pobres mobilizou uma cidade inteira, reivindicações existiam de sobra.

Entre os meses de abril e outubro de 2019, concentradas, predominantemente, no último mês citado, se espalharam por toda a América do Sul manifestações em outras cinco cidades mais, estas sendo La Paz, na Bolívia; Santiago, no Chile; Quito, no Equador; Asunción, no Paraguai; e Lima, no Peru. Em São Paulo, no Rio de Janeiro ou em Brasília, capital do Brasil, ao contrário, tomavam as ruas e avenidas um ensurdecedor silêncio multitudinal, período esse em que o país enfrentava o fim do primeiro ano de mandato do ex-presidente Jair Bolsonaro (2019-2022).

Mote das mobilizações, a insatisfação popular de manifestantes contra figuras que, em tese, deveriam os representar, acarretou na formação de uma peculiar categoria que ficaria conhecida por movimentos sociais. “Ao longo da história, os movimentos sociais foram e continuam a ser as alavancas da mudança social. Geralmente se originam de uma crise nas condições de vida que torna insustentável a existência cotidiana para a maioria das pessoas” (CASTELLS, 2013, p. 127).

Manuel Castells, teórico espanhol conhecido nos bancos acadêmicos mundo afora, foi quem melhor articulou estudos sobre movimentos sociais e movimentos sociais em rede. Pensador contemporâneo às suas ideias, o uruguaio Raúl Zibechi registra, em publicação, que “los movimientos sociales de nuestro continente están transitando por nuevos caminos, que los separan tanto del viejo movimiento sindical como de los nuevos movimientos de los países centrales” (ZIBECHI, 2007, p. 21).³

Retomando o que, agora há pouco, nos ensinou Castells sobre movimentos sociais, ele escreve, em livro, que a origem de mobilizações não se dá da pobreza ou do desespero político, apenas, e sim de um sentimento de insatisfação, proporcionado, ao mesmo tempo, por injustiça e sede de esperança com manifestações bem-sucedidas, espalhadas, digitalmente, por outras regiões do mundo (CASTELLS, 2013, p. 128). Fotografia de uma América Latina, Zibechi

³ “Os movimentos sociais do nosso continente percorrem novos caminhos, que os separam tanto do antigo movimento sindical, como dos novos movimentos dos países centrais.”, em português.

retrata, especificamente, o momento da formação do subcontinente, incompatível, até os dias atuais, com a implantação do neoliberalismo que muitos governantes quiseram envernizar.

Buena parte de estas características comunes derivan de la territorialización de los movimientos, o sea de su arraigo en espacios físicos recuperados o conquistados a través de largas luchas, abiertas o subterráneas. Es la respuesta estratégica de los pobres a la crisis de la vieja territorialidad de la fábrica y la hacienda, y a la reformulación por parte del capital de los viejos modos de dominación (ZIBECHI, 2007, p. 22).⁴

1.2.1 Os protestos nos países sul-americanos

“De acordo com dados da FAO sobre segurança alimentar, a Argentina seguiu nos últimos anos a tendência mundial de diminuição da proporção de população desnutrida e, [...], possui uma melhor infraestrutura em termos de acesso à água potável e outros serviços de saúde” (LIMA, 2019). Em setembro de 2019, as vias públicas argentinas acompanharam a eclosão de protestos populares que reivindicavam a aprovação de uma lei de assistência alimentar, que vigora no país desde 2002.

No mês seguinte aos atos transcorridos em Buenos Aires, em 20 de outubro do mesmo ano, as ruas e avenidas da capital boliviana de La Paz assistiram a aglomerações de movimentos semelhantes aos que aconteceram no país portenho. Para Rafaela Pannain, “sob forte crítica de parte da população, em 4 de dezembro de 2018, o Tribunal Superior Eleitoral boliviano habilitou Evo Morales a concorrer ao quarto mandato presidencial nas eleições previstas para 2019” (PANNAIN, 2019).

Localizado na porção setentrional do subcontinente sul-americano, o Equador teve como palcos de reivindicações populares duas de suas mais conhecidas cidades, a litorânea Guayaquil e a capital montanhosa Quito, a 2.850 m do nível do mar e distantes uma da outra quase 420 km. Escrevendo sobre o papel do movimento indígena nos protestos equatorianos de 2019, Júlia Costa conta que o seu estopim se deu no início de outubro do referido ano, data em que o ex-presidente Lenín Moreno sancionou, por meio do Decreto 883, o fim dos subsídios e o aumento dos preços da gasolina e do diesel (COSTA, 2022).

Seguindo em direção ao sul da fronteira entre Argentina, Brasil e Bolívia, o Paraguai pode ter sido um dos primeiros países sul-americanos a registrar aglomerações populares em seu

⁴ “Boa parte dessas características comuns deriva da territorialização dos movimentos, ou seja, das suas raízes em espaços físicos recuperados ou conquistados através de longas lutas, abertas ou subterráneas. É a resposta estratégica dos pobres à crise da antiga territorialidade da fábrica e da fazenda e à reformulação do capital das antigas formas de dominação”, em português.

território, ainda no fim de julho de 2019. “A divulgação do acordo secreto assinado por autoridades paraguaias e brasileiras quase resultou na queda do governo de Mário Abdo Benítez, tendo levado à renúncia do ministro das Relações Exteriores, Luis Castiglioni, e de três altos funcionários” (MESQUITA; MARINHO; CARNEIRO, 2023).

A renúncia de [Pedro] Ferreira [então presidente da estatal de eletricidade do Paraguai] desencadeou uma onda de protestos nas ruas das cidades paraguaias e o lema “Desastre ko Marito” materializou a baixa popularidade do presidente, que quase fizeram com que o país tivesse um prejuízo de 200 milhões de dólares com o acordo que acabou não sendo firmado (CARNERI, 2019). Na esteira do escândalo o vice-presidente paraguaio, Hugo Velázquez afirmou que a Eletrobras seria responsável por uma dívida ilegal gerada pela Itaipu Binacional e exigiu do governo brasileiro o ressarcimento do montante (*Ibid*).

Situado na Cordilheira dos Andes e fronteira com Bolívia e Chile, ao sul, e com o Equador, ao norte, o Peru, assim como os seus países vizinhos, atravessou uma onda de protestos em outubro de 2019. “Enquanto o Peru viveu impasses políticos que levaram à dissolução do Congresso em setembro [promovida pelo então presidente Martín Vizcarra], protestos históricos por demandas sociais [...] atingiram o Equador e o Chile em outubro” (LIMA, 2020).

Por fim, um dos países em que mais se contou protestos populares desde, pelo menos, a morte do ex-presidente Hugo Chávez (no poder entre 1999 e 2013) e a assunção de seu vice, Nicolás Maduro, em 2013, foi, justamente, a Venezuela. Segundo Eduardo Rius, “a reeleição de Maduro permaneceu como ponto de tensão no restante de 2018 [...]. Em 11 de janeiro de 2019, o então presidente da Assembleia Nacional e um dos líderes da oposição ao chavismo, Juan Guaidó, se autoproclamou presidente da República Bolivariana da Venezuela” (RIUS, 2019).

1.2.2 Os protestos no Chile

No mesmo mês em que ocorreram manifestações em La Paz e, analogamente, ao estopim que desencadeou protestos populares em diferentes cidades do Brasil, em 2013, o aumento no preço das passagens do metrô de Santiago ensejou a sua população a sair às ruas. Mesmo depois de a medida ter sido suspensa pelo então presidente Sebastián Piñera (no cargo em dois períodos, entre 2010 e 2014, e entre 2018 e 2022) em 19 de outubro de 2019, o país andino registrou o maior número de populares em um ato – a imprensa local estimou em 1,2 milhão os presentes, na capital, no dia 25 daquele mês.

Bem-acostumado com a presença de mobilizações políticas em seu território desde 1973, ano em que um golpe de Estado, encabeçado por Augusto Pinochet, derrubou o governo eleito de

Salvador Allende (1970-1973), o Chile pode ser considerado como um dos países sul-americanos cuja população mais adere a protestos populares. O britânico Eric Hobsbawm diagnostica da maneira que segue esse momento histórico.

A experiência chilena é, portanto, muito mais que uma peça de exotismo político para os observadores de países desenvolvidos. O socialismo nunca chegará, digamos, à Europa Ocidental à maneira chinesa ou vietnamita, mas é pelo menos possível reconhecer no Chile os contornos de situações políticas que podem ocorrer nas sociedades industrializadas e as estratégias que podem ser aplicadas nelas, bem como os problemas e as dificuldades do “caminho pluralista”. Isso não significa que o caminho deva fracassar e, certamente, que não deva ser tentado (HOBSBAWM, 2017, p. 419).

**Imagem retirada do portal BBC News Brasil
(Susana Hidalgo – 29 out 2019)**



Imagem 1 – Símbolo dos protestos populares por reformas sociais em Santiago, no Chile, bandeira do povo indígena Mapuche é erguida por manifestantes em ato em 25 de outubro de 2019

“Em outubro do mesmo ano [2019], assistimos [a]os protestos que incendiaram o Chile. Após o governo de Sebastián Piñera determinar o aumento da passagem do transporte metroviário, estudantes saíram às ruas exigindo a revogação da medida” (FORGERINI, 2020). Fernanda Forgerini, pesquisadora que experienciou, em artigo, breve análise discursiva da

cobertura de jornais impressos brasileiros sobre os protestos no Chile, escreve que o seu estopim está na insatisfação dos estudantes secundaristas na elevação da tarifa do transporte de Santiago.

Engajados politicamente, populares chilenos contaram em grande número com uma das maiores aglomerações desde, pelo menos, a ditadura Pinochet. Para Fernanda Lazaro, quem estudou os protestos no Chile a partir da fotografia capturada por Susana Hidalgo (Imagem 1), “a passeata do dia 25 de outubro de 2019 foi o ápice de um movimento amplo de protestos sociais no Chile que debilitou profundamente o relato do suposto êxito do modelo de desenvolvimento chileno na América Latina” (LAZARO, 2020).

Exemplo a ser seguido por demais nações latino-americanas, o Chile foi palco, antes, de importantes duas mobilizações estudantis, visando o seu sistema de educação, privado, em detrimento do público, em 2006, e entre os anos de 2011 e 2012. Autores de publicação a respeito de buscas que foram feitas no YouTube e Google Notícias sobre os protestos no Chile, Thiago Moraes, Romer Santos e Pablo Soza, afirmam que as circunstâncias que levaram às suas manifestações podem ser atribuídas não só ao aumento no preço das passagens do metrô de Santiago, como também à discussão da desigualdade social e à redação de nova Constituinte (MORAES; SANTOS; SOZA, 2022).

No dia 26 de outubro de 2019, a edição número 31.491 do jornal O Globo deu destaque para a manifestação chilena que levou mais de um milhão de pessoas às ruas de Santiago, marcando o oitavo dia consecutivo de protesto contra o governo de Sebastián Piñera. A primeira página destacou a chamada: “Marcha reúne 1,2 milhão para reivindicar mudanças no Chile”. O título auxiliar, por sua vez, afirma: “Piñera diz que ato pediu país mais justo: ‘Todos escutamos’” (FORGERINI, 2020).

Retornando ao trabalho, citado acima, de Forgerini sobre os protestos no Chile, ela identifica como uma das principais redações do jornalismo impresso do país dispôs alguns dos seus elementos (manchete da primeira página e linha-fina) na edição do dia seguinte da mobilização de 25 de outubro do mesmo ano. “Ao olharmos para os protestos de outubro de 2019, especialmente a marcha do dia 25 que marca o ápice de convulsão social, ao levar um milhão e duzentas [*sic*] [mil] pessoas à Plaza Italia, vemos que um novo horizonte de expectativa se descortina no Chile” (LAZARO, 2020).

Esse novo horizonte de expectativa, somado ao espaço de experiência, a que se refere Lazaro diz respeito à sinestesia, condição sentida por meio do retrato em análise pela pesquisadora, de que o amanhã frutifique esperança de um país melhor e menos desigual. De acordo com Moraes, Santos e Soza, “a identidade de grupo, que se forma entre os membros de

um protesto, aliado à ideia (alimentada pelos próprios membros), de que podem conseguir subjugar outro grupo, reconhecido como inimigo comum, mantém a motivação dos indivíduos em protestar pelos ideias coletivos” (DRURY, 2020 *apud* MORAES; SANTOS; SOZA, 2022).

O sentimento de pertencimento a uma ação coletiva, identificado pelo trio, pode ser considerado como componente de grupo que representa os mesmos interesses, aqui descritos como políticos e sociais. Por fim, escrutinadas as publicações de O Estado de S. Paulo, Folha e O Globo sobre os protestos no Chile, Forgerini localiza, cada um à sua maneira, similitude nas retóricas utilizadas pelo *mainstream* em posicionamentos contrários às mobilizações que tomaram as ruas de sua capital, Santiago (FORGERINI, 2020).

Em seus aspectos visuais, a fotografia foi capaz de traduzir um sentimento de subversão da história oficial do Chile, cuja luta contra um Estado que discrimina, violenta e abusa desde o período colonial parecia estar na ordem do dia das manifestações. Sua atração reside principalmente na capacidade de misturar contemplação com proximidade, por nos fazer sentir parte de algo grande, do qual estamos afastados do centro-topo, mas, ao mesmo tempo, próximos da base, onde está o coletivo humano (LAZARO, 2020).

Uma interpretação da imagem, clicada por Susana Hidalgo, oferecida por Lazaro, considera os protestos no Chile e, em especial, a manifestação ocorrida na Plaza Italia, conhecida também como Plaza Baquedano, em Santiago, em 25 de outubro de 2019, como a perfeita exposição do sentimento de insatisfação generalizado que tomou conta dos seus populares diante da autoridade imposta por seus governantes. “Na experiência chilena, é importante lembrar que, [...], o foco dos programas de proteção social se deu na busca pela redução da pobreza e fornecimento de apoio à renda. Contudo, [...], tais problemas falharam em abordar tal situação, em uma via lastreada por fontes multifacetadas” (MORAES; SANTOS; SOZA, 2022).

2. Materiais e métodos

Retomando o que foi apresentado antes na Introdução, este artigo se apoia em duas metodologias, o levantamento bibliográfico e a análise do discurso. A primeira traz por objetivo fazer um mapeamento do estado da arte em que o objeto de estudo a ser discutido nesse trabalho se encontra nas publicações.

E, a segunda metodologia, busca, por meio das teorias da Escola Francesa de análise do discurso, representada na figura de Michel Pêcheux, e de sua homônima, no Brasil, essa identificada nos estudos que fez Eni Orlandi, interpretar como são montadas as construções ideológicas de determinado texto.

Sobre o material em análise, sua proposta é a de apurar de que forma conteúdos de tipologias audiovisuais brasileiras, entre as quais estão o Jornal da Cultura (TV Cultura), o Jornal Nacional (Rede Globo) e o Seu Jornal (Rede TVT/TV dos Trabalhadores), cobriram os protestos no Chile. Para isso, os passos para a coleta dos dados foi localizar toda e qualquer matéria que fizesse menção a esses levantes nas edições diárias dos telejornais, em um período de 203 dias, mais ou menos, ou pouco menos de sete meses contados, de 7 de outubro de 2019, quando estudantes secundaristas, sob o lema “¡Evade!”, se mobilizaram em torno de uma das estações do metrô de Santiago, contrários ao aumento da tarifa do transporte na capital, a 26 de abril de 2020, data em que, originalmente, um plebiscito nacional para aprovação de nova Constituição estava marcado – pleito adiado pela pandemia de COVID-19, doença causada pelo novo coronavírus, a votação ocorreria em seis meses, em 25 de outubro do mesmo ano, apenas.

Por fim, o material foi analisado a partir da colocação da palavra, objeto simbólico carregado, semanticamente, de significados, na redação do texto jornalístico, e sua apropriação ou não dos conceitos do jornalismo, a saber imparcialidade, isenção, neutralidade e objetividade. Considerando o intervalo discriminado, no parágrafo acima, se extraem três episódios para escrutínio em particular, o da imposição de um estado de emergência, anunciado à força pelo então presidente do Chile, Sebastián Piñera, em 18 de outubro de 2019; o da manifestação, que reuniu 1,2 milhão de populares a protestar na Plaza Baquedano (Plaza Italia), no dia 25 do mesmo mês, e o da consulta popular que perguntou aos/às chilenos/as se queriam nova Constituinte, em 25 de outubro de 2020 – duas propostas foram apresentadas da Convenção Constitucional do país à sua população, a primeira, em 4 de setembro de 2022, rejeitada por 62% dos que às cédulas preencheram; e, a segunda, em 17 de dezembro de 2023, novamente recusada por 56% dos votantes.

“Supor que, pelo menos em certas circunstâncias, há independência do objeto face a qualquer discurso feito a seu respeito, significa colocar que, no interior do que se apresenta como universo físico-humano (coisas, seres vivos, pessoas, acontecimentos, processos...) ‘há real’[...]” (PÊCHEUX, 1990, p. 29). Expoente da Escola Francesa de análise do discurso, o francês Michel Pêcheux escreve que um discurso pode ser considerado como efeito de sentidos entre interlocutores, isto é, não é mera transmissão de informações, somente, e sim construção com outro sujeito, intérprete ou receptor.

Eni Orlandi, linguista e professora universitária, é a primeira pesquisadora brasileira a se debruçar sobre os estudos de análise do discurso no Brasil, baseada nas experimentações que fez Pêcheux, na École Normale Supérieure, em Paris, na França, no fim dos anos 1970. Sobre análise do discurso, afirma ela, não se tratar da língua, nem da gramática, tampouco, e sim do discurso, “o discurso é assim palavra em movimento, prática de linguagem: com o estudo do discurso, observa-se o homem falando” (ORLANDI, 2012, p. 15).

O enunciado, escreve Pêcheux, pode ser linguisticamente considerado descritível por uma série de lacunas (“léxico-sintaticamente determinado”), abrindo caminho para a interpretação (PÊCHEUX, 1990, p. 53). Dialogando com os estudos que fez Pêcheux antes, Orlandi afirma que é possível estabelecer uma relação entre os conceitos de língua e discurso como dependentes um do outro.

No entanto, a fronteira entre língua e discurso é posta em causa sistematicamente em cada prática discursiva, pois as sistematicidades acima referidas [linguísticas, como condições materiais por que se desenvolvem os processos discursivos], não existem, como diz M. Pêcheux (1975), sob a forma de um bloco homogêneo de regras organizado à maneira de uma máquina lógica. A relação é de recobrimento, não havendo portanto uma separação estável entre eles (ORLANDI, 2012, p. 22).

Pierre Bourdieu, pensador francês dos conceitos de campo, capital cultural, habitus e violência simbólica, contribui, também, com estudos sobre a televisão como deficitária do pensamento crítico e mecanismo de censura interna. “Dessa censura que se exerce sobre os convidados, mas também sobre os jornalistas que contribuem para sua existência, espera-se que eu diga que é política” (BOURDIEU, 1997, p. 19).

Para a confecção deste artigo, foram escolhidos três telejornais, diferentes entre si, de emissoras da chamada tevê aberta brasileira. O Jornal da Cultura, cujo formato apresenta, fixa, uma âncora e, normalmente, dois convidados que comentam as notícias levadas ao ar; o Jornal Nacional, representado nas figuras de dois âncoras fixos – os dois primeiros podem ser associados à linha editorial mais à direita ou à centro-direita; e o Seu Jornal, conduzido, também, assim como o Jornal da Cultura, por uma âncora fixa, responsável por ler as notícias exibidas pelo programa – este último mais à esquerda.

Transmitido pela TV Cultura há 37 anos, desde 29 de dezembro de 1986, o Jornal da Cultura é um telejornal brasileiro produzido pela Fundação Padre Anchieta e com sede em São Paulo. Exibido de segunda a sábado, às 21h – com horário alternativo às 6h – o JC, diferentemente de outros produtos audiovisuais, conta com uma estrutura de apresentação que,

além do(a) âncora presente na bancada, estão, normalmente, dois especialistas repercutindo o que é noticiado.

No ar há mais de 50 anos, o Jornal Nacional é reproduzido pela Rede Globo desde 1º de setembro de 1969 – com sede no Rio de Janeiro, o telejornal é desenvolvido pela Direção Geral de Jornalismo da TV Globo. Televisado de segunda a sábado, às 20h30, o JN pode ser considerado como um dos mais importantes produtos jornalísticos em audiência e repercussão no Brasil.

Pertencente à Fundação Sociedade, Comunicação, Cultura e Trabalho, do Sindicato dos Metalúrgicos do ABC, que mantém, também, a Rádio Brasil Atual, a Rede TVT/TV dos Trabalhadores, concessionada em Mogi das Cruzes, mas baseada em São Bernardo do Campo, está no ar há pouco mais de 14 anos, desde 23 de agosto de 2010. Carro-chefe da emissora, o programa Seu Jornal (SJ) é transmitido de segunda a sexta-feira, às 19h, no canal 44 UHF digital na tevê e no YouTube.

3. Os protestos no Chile e as tipologias audiovisuais no Brasil: uma abordagem por meio dos conceitos-chaves do jornalismo

3.1 Santiago, 19 de outubro de 2019

O dia seguinte ao anúncio, feito pelo ex-presidente do Chile, Sebastián Piñera, de um estado de emergência em duas cidades do país foi pauta nos principais telejornais do Brasil. Na edição de sábado, 19 de outubro de 2019⁵, do Jornal da Cultura, o assunto aparece logo na escalada do programa, sob o gerador de caracteres em que se lê: “CHILE/DECRETADO ESTADO DE EMERGÊNCIA”, assim, em letras garrafais, sobreposto a imagens do então chefe de Estado e populares passando por cima de catracas nas estações de metrô da cidade.

A nota jornalística coberta, reproduzida pelo noticiário, contextualiza, até bem, o espectador sobre o que no Chile acontece, mas a sintonia entre imagem de cobertura e texto dá impressão de descuido na forma como os fatos são abordados. A locutora do VT, Andresa Boni, que está como âncora desta edição, narra violência nos protestos contra o aumento das tarifas no metrô, ao mesmo tempo em que cenas de populares esvaziando ruas, de suposta viatura policial estacionada e de barricadas em chamas são exibidas.

⁵ Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=SbEqCnB_KWw>. Acesso em: 26 ago 2024.

Imagens de um garoto, golpeando em chutes, catraca na estação [“na sexta-feira, (18/10), estudantes secundaristas **destruíram** catracas nas estações de metrô e entraram em confronto com a polícia”], em transição com as do alto oficialato chileno e a de um ônibus, ardendo em brasas (“em entrevista coletiva, o general Javier Iturriaga, designado pelo presidente chileno para guardar a capital, disse que suas tropas vão se concentrar no patrulhamento das áreas com mais conflitos, e que assume o controle para impedir novos **atos de vandalismo**”), se misturam ao VT.

Na edição do mesmo dia do Jornal Nacional⁶, o tema está, também, na manchete que levou ao ar o noticiário; em pano de fundo, cenas de ônibus pegando fogo e de policial, paramentado e em posse de armamento que pode ser letal, desfechando artefato para o alto, acompanham a chamada.

No sítio, em que a edição, na íntegra, está hospedada, ao/à internauta lhe é oferecido cardápio interativo de cortes, dividido por assuntos, com os conteúdos transmitidos pelo programa na data escolhida. Em “Presidente do Chile suspende aumento do preço da passagem de metrô”, a apresentadora Tais Lopes, do Sistema Verdes Mares, afiliada da Globo no Ceará, que, na ocasião e ao lado de Thiago Rogeh, âncora do Jornal Anhanguera - 1ª edição, do Tocantins, participavam de rodízio, de três meses, de âncoras do JN, em razão das comemorações do seu cinquentenário, assim como Andresa Boni, âncora do JC, dá a sensação de seguir, indicada por uma direção geral, linha editorial em que atribui, aos protestos no Chile, violência, e não a um direito, resguardado a todo/a cidadão/ã do país, em lei na Constituição.

Enquanto se preocupava em ler nota coberta a âncora do telejornal, aprontada, provavelmente, por uma produção enviesada, (“assim como ontem, manifestantes **depredaram** e **incendiaram** ônibus, trens e estações de metrô e, agora há pouco, o general no comando da capital, decretou toque de recolher entre dez da noite e sete da manhã”), imagens de militares do exército chileno, de mais barricadas e de caixas eletrônicos destruídos, eram exibidas.

Na edição de 19/10/2019⁷ do Seu Jornal, os protestos no Chile encabeçam o roteiro de pautas a serem cobertas pelo programa, este de formato mais simples, sem imagens de apoio, e com locução, apenas. Diferentemente da linha editorial adotada por JC e JN, o SJ, produto guiado sob a sentença “as notícias de interesse do trabalhador, dos movimentos sociais e pela democracia”, se orienta a honrar compromisso com os fatos identificados às camadas populares brasileiras.

⁶ Disponível em: <<https://globoplay.globo.com/v/8019090/>>. Acesso em: 26 ago 2024.

⁷ Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=JGwwblMXmXk&t=826s>>. Acesso em: 26 ago 2024.

Ana Flávia Quitério, âncora do Seu Jornal, ao anunciar entrevista, gravada antes de a edição ir ao ar, com jornalista brasileiro residente em Santiago, no Chile, antecipa o que no país estava a ocorrer, “ondas de protestos com pannels, **violência** contra os estudantes, toque de recolher e ônibus queimados”. No depoimento, concedido por Gunther Aleksander, longe de relato fidedigno de correspondente internacional e mais próximo de jornalismo opinativo, o profissional afirma saber que motivo levou populares a protestar no país andino – a privatização dos serviços públicos essenciais à população, como o metrô, a energia elétrica, o gás e as aposentadorias, por exemplo.

No mesmo VT exibido pelo programa, imagens amadoras, que parecem ter sido registradas por meio de celular, sigilosamente, com a tela na “vertical” e divulgadas sob a tarja “Imagens da internet”, apresentam cenas que Aleksander, escutado agora sobre narração em *off*, (“tem uma série de vídeos circulando, de fontes bem diversas, inclusive de pessoas, mas também de associações de ‘reporteros independentes’, de veículos alternativos, que estão pegando câmeras escondidas, filmagens que mostram carabineiros **forjando** certas situações e **montando** cenas, sobretudo com incêndios para **fabricar** um pouco essa necessidade de manter o estado de exceção”) assume serem de carabineiros manipulando condições com o objetivo de desacreditar as reivindicações colocadas em pauta nos protestos no Chile.

Considerando os elementos do jornalismo, fundamentados no primeiro tópico desta pesquisa, as duas notas jornalísticas e o depoimento são parciais, pois privilegiam parte da história, não isentos, uma vez que defendem o seu lado, não neutros, porque tomam partido, e não objetivos, no sentido de carregarem visão distorcida da realidade, segundo os seus pontos de vista, subjetivos. Sobre o emprego de determinadas palavras, em destaque nos parágrafos anteriores, “destruíram”, “atos de vandalismo”, “depredaram” e “incendiaram”, existe a intenção, proposital, de valorar, negativamente, os protestos no Chile.

3.2 Santiago, 26 de outubro de 2019

Um dia depois de o Chile registrar mobilização que convidou cerca de 1,2 milhão de habitantes na Plaza Baquedano (Plaza Italia), programas jornalísticos na tevê brasileira cobriram a efeméride. Na edição de sábado, 26 de outubro de 2019⁸, do JC, o evento, assim como pontuado na escalada do noticiário da semana anterior (19/10), marca presença com a reprodução de

⁸ Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=r0BwpifqK9c>>. Acesso em: 27 ago 2024.

imagens do então presidente Sebastián Piñera discursando, em púlpito, e das manifestações de sexta-feira, 25/10, em Santiago, antepostas à legenda “‘CHILE DESPERTÓ’/PRESIDENTE TENTA CONTER MANIFESTAÇÃO HISTÓRICA”.

Disfarçada de reportagem, a nota coberta, honesta, apresentada pelo telejornal, confunde o espectador que ao programa está a assistir e quer procurar se informar mais sobre os protestos no Chile. A âncora da vez, Amanda Valeri, empresta sua voz para a locução de um compilado de cenas (“é mais uma tentativa de **acalmar** os protestos, que começaram há uma semana”), que a edição levou ao ar, de ruas e avenidas da capital tomadas por manifestantes, que bradavam suas vozes e empunhavam suas bandeiras, e de militares do Exército chileno, em confronto com populares que, pacificamente, protestavam.

A ausência de apuração própria, a figura do/a enviado/a especial ao local onde os fatos acontecem, a palavra dada a autoridades em segurança pública e a populares, o/a “especialista” e a personagem, e a dependência por informações de agências de notícia podem ser considerados alguns dos itens que diferenciam a nota jornalística de reportagem. A nota, produzida pela redação do JC para a edição acima citada, ainda ouve o depoimento de duas jornalistas que acompanharam, *in loco*, às mobilizações, Mônica Charoux e Amanda Marton – na bancada do programa, para comentar os assuntos tratados, estão o economista Roberto Luis Troster e o advogado e sociólogo José Vicente, reitor da Universidade Zumbi dos Palmares (Unipalmares).

Na edição do mesmo dia⁹, o JN traz, à chamada do programa, tímida menção à mobilização que parou Santiago um dia antes, com *flashes* dos ex-presidentes do Chile e da Bolívia, Evo Morales, em coletiva de imprensa, bem como de pedestres caminhando pelas ruas de Buenos Aires, na Argentina, à espera de nova eleição presidencial, que elegeria ao poder um candidato peronista, Alberto Fernández, e sua vice, Cristina Kirchner, juntos na chapa Frente de Todos, e que ocorreria no dia seguinte, um domingo, 27 de outubro de 2019.

Em recorte “Presidente do Chile pede que os ministros entreguem os cargos”, o apresentador do SE2, do Sergipe, Lyderwan Santos, âncora da vez, ao lado de Lucimar Lescano, da TV Morena, afiliada da Globo em Mato Grosso do Sul, a quem presta os seus serviços por uma linha editorial contrária à permanência dos protestos no Chile, que, naquela altura, alcançava o oitavo dia consecutivo de manifestações.

⁹ Disponível em: <<https://globoplay.globo.com/v/8038051/>>. Acesso em: 27 ago 2024.

Em uma nota coberta mais, narrada por Lyderwan (“em mais uma iniciativa para **tentar acabar** com os protestos no Chile, que já duram oito dias, o presidente Sebastián Piñera pediu que todos os ministros coloquem o cargo à disposição”), se sobrepujam imagens do mandatário descendo degraus de uma escada e de tanque do Exército expelindo o que parece ser uma espuma branca contra os que ali protestavam (“o presidente também indicou que vai acabar à meia-noite, hora local, com o estado de emergência. Mesmo assim, os chilenos voltaram a protestar hoje, em Santiago, após uma madrugada de **violência**. 19 pessoas morreram nos últimos dias”).

No boletim¹⁰ que levou ao ar o SJ em 28/10/2019 (“Mobilizações no Chile seguem a todo vapor!”), um dos maiores levantes registrados na história do Chile desde a ditadura Pinochet, evidente, foi repercutido. Nesta e outras datas, a Rede TVT, por algum motivo, deixou de transmitir ao vivo e/ou de disponibilizar, depois, a íntegra do programa, em seu canal, na plataforma de vídeos sob demanda.

Âncora do telejornal, Ana Flávia Quitério, uma vez mais, abre espaço para analisar o episódio o jornalista da agência de imprensa internacional Pressenza, fundada em Milão, na Itália, em 2008, mas sediada, desde 2014, em Quito, no Equador, Gunther Aleksander. Acomodado no que parece ser ambiente de redação, na capital Santiago, na presença de computadores e cadeiras, Aleksander grava depoimento próprio, como videorepórter, para o boletim do SJ, que, mais tarde, entraria no ar no canal da emissora no YouTube.

Imagens dos protestos que ocuparam a Plaza Baquedano, no Chile, três dias antes, se misturam a cenas de confrontos entre populares e policiais e de automóveis e caminhões, em que é possível ler reivindicações pedindo o não pagamento de mais impostos, em “NO + TAG”, em inglês, e “NO + TARIFA RETORNE”, em espanhol (“os ânimos continuam muito altos, porque não mudou nada. Ou seja, ele revogou o aumento da passagem de metrô, fez algumas mudanças meio paliativas, muito superficiais, uma carta que ele entregou com uma série de propostas bastante paliativas e **hipócritas**, que jogam uma ‘**esmolinha**’, vamos dizer assim, sobretudo para os aposentados, para meio que maquiagem que esteja tendo algum diálogo, mas o fato é que a população não está caindo neste **discurso mentiroso**, tanto é que aqui cresceram muito os números de assembleias populares, chamadas *cabildos*”).

Levando em conta, uma vez mais, alguns dos princípios que caracterizam o bom jornalismo, as duas notas e o depoimento veiculados são parciais, porque incapaz de “ouvir os

¹⁰ Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=g84xSCbv0uI>>. Acesso em: 27 ago 2024.

dois lados” e não dá voz a pluralidade de fontes, não isentos, no sentido de não estimularem debate de versões, não neutros, pois há preferência por lado nas grandes redações, e não objetivos, uma vez que declarações são mais bem vistas que fatos em si. Em relação à colocação das palavras “acalmar”, “tentar acabar” e “violência”, há, também, a presunção, direta ou indireta, de menosprezar as movimentações que no país afloraram.

3.3 Santiago, 26 de outubro de 2020

Finalmente, na noite posterior em que um referendo nacional convidou mais de 7,5 milhões de eleitores a votar por nova Constituição e o tipo de convenção que a redigiria, se constituinte ou mista, os seus desdobramentos foram, também, objeto de cobertura por parte da imprensa no Brasil. Em sua edição de segunda-feira, 26 de outubro de 2020¹¹, o JC, como de costume, trouxe o assunto à escalada do programa, indicando, em seu gerador de caracteres, “PLEBISCITO HISTÓRICO/CARTA MAGNA CHILENA TEM HERANÇA DA DITADURA MILITAR”, e imagens de apoio de chilenos circulado sobre os locais onde o pleito ocorreu um dia antes.

Conteúdo, agora, mais bem apurado, a reportagem, chamada pela âncora Karyn Bravo (“e a população chilena está em festa. O país aprovou a elaboração de uma nova Constituição”), explica, de forma didática, tudo o que se desenrolou na consulta popular que o Chile realizou com os seus habitantes, bem como soube contextualizar o espectador sobre as motivações que os levaram a confeccionar uma nova Constituinte. Para isso, a repórter Adriana Cimino, baseada em São Paulo, ouve, à distância, declarações de três fontes, o editor de política da Rádio Valparaíso, Victor Saavedra Pino, e Paulo Niccoli Ramirez, professor de Sociologia na ESPM, esses, ligados a um posicionamento de esquerda, e o correspondente da Rádio Cooperativa de Santiago, Patricio de la Barra Nazif, identificado mais à direita.

Imagens de cobertura recuperadas de um ano antes, quando dos protestos no Chile (“primeiramente, houve muita alegria, muitas lágrimas de quem, por fim, parecia estar **enterrando** o ditador Augusto Pinochet”), antecipavam fotografias feitas nos consulados do país em algumas cidades brasileiras (“a população chilena não está mais a favor do atual governo, e muito menos o Congresso, que representa interesses das elites. E a população chilena, desde o ano passado, de fato, se deu conta, de uma maneira mais ampla, de que a Constituição, deixada

¹¹ Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=5RPpInLHZHM>>. Acesso em: 28 ago 2024.

por Pinochet, ela não traz benefícios sociais”) e dos locais de votação, em que eleitores foram vistos caminhando e depositando suas escolhas (“se as comunidades chilenas se organizam, e começam a deixar de lado os políticos, vai ser um passo importantíssimo para ter uma Carta Magna, nas melhores condições possíveis”).

Na edição do mesmo dia que levou ao ar o JN¹², a pauta do plebiscito no Chile está presente na chamada do noticiário de forma breve, pontual, quase que de maneira protocolar. “O Chile decide, em um plebiscito, substituir a Constituição aprovada pela ditadura militar”, enquanto eram exibidas imagens recuperadas das manifestações de um ano antes, foram as palavras, escolhidas por sua produção, para abordar o que foi considerado um dos mais relevantes eventos da história recente do país.

Na passagem “Plebiscito no Chile decide que país vai ter uma nova Constituição”, os âncoras Renata Vasconcellos e William Bonner, editor-chefe do jornal, diferentemente da repercussão que fez o JC a respeito do referendo nacional no país andino, não o contextualizam, nem o aprofundam minuciosamente.

A nota coberta lida com informações que facilmente poderiam ser encontradas em busca simples nos mecanismos de pesquisa (“no Chile, um plebiscito decidiu que o país vai ter uma nova Constituição. 78% dos eleitores escolheram abandonar a Constituição elaborada em 1980, ainda durante a **ditadura brutal** do general Augusto Pinochet. A maioria também decidiu que a Assembleia Constituinte será 100% eleita com número igual de homens e mulheres e sem nenhum parlamentar do atual Congresso. A população comemorou o resultado durante a madrugada. A mudança nas leis era uma das principais demandas dos protestos do ano passado”), ao mesmo tempo em que imagens de apoio dos locais de votação e dos protestos que ocorreram na capital, um ano antes, eram apresentadas.

Na edição de 26/10/2020 do SJ¹³, o telejornal não mais divulga os principais assuntos que escolhe cobrir em roteiro breve, antes da apresentação das notícias, propriamente escritas, e sim já as aborda em sequência. Ana Flávia Quitério, apresentadora do programa, concede tempo, uma vez mais, para depoimento de jornalista brasileiro, Gunther Aleksander, contar, a partir do seu

¹² Disponível em: <<https://globoplay.globo.com/v/8972072/>>. Acesso em: 28 ago 2024.

¹³ Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=w-gEX8UmEJ0&list=PLWOdS62CKLoKf6iOUIViKL6bX7Ezqip-R>>. Acesso em: 28 ago 2024.

ponto de vista, como foi o pleito que se realizou, no dia anterior, em que se perguntou à população chilena se queriam a formulação de nova Constituinte.

Caneta e papel na mão e máscara no rosto, populares mantinham distância segura nos locais de votação que imagens de agências internacionais de notícias mostravam enquanto Aleksander narra como o plebiscito funcionou (“a Constituição atual do Chile não contempla uma série de direitos mínimos, que a gente, sim, tem no Brasil, por exemplo, saúde e educação gratuitos e de qualidade, universais. Por exemplo, direito a uma aposentadoria digna, minimamente, uma mínima aposentadoria, e uma série de coisas que não tem hoje na Constituição atual, herdeira da **ditadura**”).

Imagens amadoras, registradas pelo próprio jornalista, provavelmente gravadas com celular, de dentro de um automóvel, em um dos locais de votação, complementam a apuração que tentou fazer Gunther Aleksander sobre o referendo nacional de 25 de outubro de 2020 no Chile (“ontem, a gente circulou por vários colégios eleitorais. Filas quilométricas nas portas, muito superiores à votação das eleições comuns de convenção; esse plebiscito, que ocorreu ontem. Foi muito histórico. Eu acho que vai entrar, realmente, para um momento. Aqui a comparação é com um plebiscito da época que tiraram o Pinochet. ‘Plebiscito de no’”).

Retomando os mandamentos que regem o fazer jornalístico, a nota coberta e o depoimento, reproduzidos por Jornal Nacional e Seu Jornal, respectivamente, não podem ser considerados imparciais, isentos, neutros ou objetivos; a reportagem, transmitida pelo Jornal da Cultura, sim. O material, apurado pela repórter Adriana Cimino, é imparcial, pois escuta “os dois lados” da história, concedendo a palavra a três “especialistas”, autoridades no assunto, Victor Pino, Paulo Niccoli Ramirez e Patricio de la Barra; isento, uma vez que permite ao espectador o incentivo à discussão; neutro, porque, por meio do conteúdo, pelo menos, não existe a escolha por um lado da história; e objetivo, no sentido de existir uma mediação entre público e realidade no que está sendo noticiado.

Uma comparação dos dados coletados, e uma relação entre eles foi possível estabelecer. Sobre isso, se deve argumentar que, das nove análises realizadas, considerando três de cada evento, apenas uma delas (a da realização de um plebiscito popular, repercutido no JC) preocupou-se, verdadeiramente, em refinar os fatos noticiados, em apuração de reportagem, para o espectador – as demais, veiculadas por JN (três notas jornalísticas), SJ (três depoimentos), e pelo próprio JC (duas notas cobertas), preferiram abrir mão de uma preparação de conteúdo de

maior fôlego, que contasse uma história, apoiada na escuta atenta de fontes primárias, para reproduzir, em notas jornalísticas, nos casos analisados do JC e JN, informações e imagens de apoio já conhecidas, de maneira geral, por quem os assistem, e em depoimentos, divulgados por jornalista, que nem como correspondente internacional ou enviado especial do programa atua, baseados, exclusivamente, em sua própria opinião, no caso do SJ.

Interesse, acima do custo-benefício, economicamente escrevendo, pode ser a solução para o problema que enfrenta JC e JN, principalmente, programa cuja audiência é a maior entre os telejornais que nos são oferecidos a acompanhar na TV aberta; a qualidade da transmissão ao vivo vigorada no SJ, noticiário mais jovem dos três e, sabidamente, de menor audiência, não consta como questão de mérito neste trabalho. A cobertura dos protestos no Chile, e sobre América Latina, como um todo, se mostrou desinteressante, política e socialmente, para os programas de jornalismo audiovisual no Brasil, porque, justamente, parece haver criminalização dos movimentos sociais e de protestos populares quando da sua cobertura jornalística por meio dos veículos de imprensa, como se o direito à reivindicação, assegurado em lei, fosse proibido ou ilegal.

Considerações finais

“O papel do jornalismo brasileiro na cobertura dos protestos no Chile”, título que dá nome a este artigo, surgiu de desejo em se estudar movimentos sociais no Brasil e na América Latina e manifestações populares que desabrocharam, concomitantemente, em sete dos dez países na América do Sul há cinco anos. Sua escolha, por sua vez, se deu por uma desconfiança, sentida por este autor, de que o assunto não teve a repercussão devida em programas jornalísticos veiculados no Brasil.

Sobre os objetivos desta pesquisa, uma análise da cobertura que fizeram tipologias audiovisuais dos protestos no Chile, foi experimentada. Entretanto, o compromisso com os fatos e com alguns dos elementos que caracterizam o jornalismo, objetividade, imparcialidade, neutralidade e isenção, que o Jornal da Cultura (TV Cultura), o Jornal Nacional (Rede Globo), e o Seu Jornal (Rede TVT/TV dos Trabalhadores) deveriam ter na repercussão das notícias, inexistiu.

Retomando, aqui, o problema que norteia este estudo, “como diferentes tipologias audiovisuais – o Jornal da Cultura, o Jornal Nacional e o Seu Jornal – repercutiram as manifestações populares na América Latina e, em especial, os protestos no Chile em 2019?”, se

afirma, sem medo de hesitar, que desproporcional foi o trato dado por esses noticiários às mobilizações latino-americanas e aos protestos no Chile. Os dois primeiros a cobriram a partir de notas jornalísticas cobertas; e, o último, por meio de depoimentos concedidos de jornalista brasileiro, baseado em sua capital, Santiago.

Levantamento bibliográfico e análise do discurso foram as duas metodologias de pesquisa adotadas neste artigo. Por meio da segunda, conforme Michel Pêcheux e Eni Orlandi, se conseguiu interpretar, linguisticamente, a linha de raciocínio ideológica dos meios de comunicação na produção das matérias que levavam ao ar as emissoras, por exemplo.

Das dificuldades que se impuseram à confecção desta pesquisa, constam apenas duas. Primeiro, a identificação de recorte para objeto de pesquisa a ser estudado neste trabalho; e, depois, a localização dos VTs, quer fossem notas jornalísticas, depoimentos ou reportagem, que os telejornais exibiram em suas edições.

Longe de querer impor chancela, na forma e conteúdo, em como os telejornais brasileiros constroem a narrativa que contam, este estudo se pauta por buscar não uma dada verdade, que não é absoluta, nem existe, mas procura, por meio de diferentes versões, pontos de vista e interesses, saber quem ou que meio de comunicação conta a melhor história. Este artigo não pretende, em hipótese alguma, ter um fim em si mesmo; ao contrário, quer (e precisa) de um desfecho condizente com o que postula seu objetivo, pelo bem da ciência e do jornalismo.

Referências bibliográficas

BOURDIEU, Pierre. **Sobre a Televisão** seguido de A influência do jornalismo e Os Jogos Olímpicos. Tradução de Maria Lúcia Machado. Rio de Janeiro: Zahar, 1997.

CASTELLS, Manuel. **Redes de indignação e esperança: Movimentos sociais na era da Internet**. Tradução de Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Zahar, 2013. *Ebook* (296 p.) ISBN 978-85-378-1115-3. Disponível em: https://ciberconflitos.wordpress.com/wp-content/uploads/2014/10/castells_redes-de-indignacao-e-esperanca.pdf. Acesso em: 29 jun 2024.

COSTA, Júlia Fernanda Vargas da. “¡Fuera FMI del Ecuador! Este Paro no Para”: O papel do movimento indígena nos protestos equatorianos de 2019. Etnicidades, cosmovisões e mobilizações indígenas. **Revista Zabelê – PPGANT – UFPI**, Teresina, vol. 3, n. 1, p. 17-45. 2022. Disponível em: <https://ojs.ufpi.br/index.php/REVIZAB/article/view/13378/pdf>. Acesso em: 21 ago 2024.

Entenda a onda de protestos no Chile. **G1**, 20 out 2019. Disponível em: <<https://g1.globo.com/mundo/noticia/2019/10/20/entenda-a-onda-de-protestos-no-chile.ghtml>>. Acesso em: 29 jun 2024.

FORGERINI, Fernanda Oliveira. Impasses da democracia na América Latina: Uma análise discursiva da cobertura de jornais brasileiros de referência sobre os protestos de 2019 no Chile. **Revista Anagrama**, São Paulo, vol. 1, ano 14, p. 1-16, jan/jul. 2020. Disponível em: <<https://www.revistas.usp.br/anagrama/article/view/170386/161426>>. Acesso em: 29 jun 2024.

GUERRA, Josenildo Luiz. **Neutralidade e Imparcialidade no Jornalismo: Da Teoria do Conhecimento à Teoria Ética**. 1999. 25 f. Tese de Josenildo Luiz Guerra, Professor de Comunicação Social da Universidade Federal de Sergipe, São Cristóvão, e Mestre em Comunicação e Cultura Contemporânea pela Faculdade de Comunicação da Universidade Federal da Bahia, Salvador, 1999. Intercom.

GUIMARÃES, Rogério Borges. **As limitações para a imparcialidade jornalística**. 2005. 39 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Comunicação Social – Habilitação em Jornalismo) – Faculdade de Comunicação e Biblioteconomia – Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2005.

HOBBSAWM, Eric; BETHELL, Leslie (Org.). **Viva La Revolución: A Era das Utopias na América Latina**. Tradução de Pedro Maia Soares. 1ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2017.

JORNALISMO TV CULTURA. Jornal da Cultura | 19/10/2019. YouTube, 19 out 2019. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=SbEqCnB_KWw>. Acesso em: 26 ago 2024.

_____. Jornal da Cultura | 26/10/2019. YouTube, 26 out 2019. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=r0BwpifqK9c>>. Acesso em: 27 ago 2024.

_____. Jornal da Cultura | 26/10/2020. YouTube, 26 out 2020. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=5RPpInLHZHM>>. Acesso em: 28 ago 2024.

JORNAL NACIONAL. Presidente do Chile suspende aumento do preço da passagem do metrô. globoplay, 19 out 2019. Disponível em: <<https://globoplay.globo.com/v/8019090/>>. Acesso em: 26 ago 2024.

_____. Presidente do Chile pede que os ministros entreguem os cargos. globoplay, 26 out 2019. Disponível em: <<https://globoplay.globo.com/v/8038051/>>. Acesso em: 27 ago 2024.

_____. Plebiscito no Chile decide que país vai ter uma nova Constituição. globoplay, 26 out 2020. Disponível em: <<https://globoplay.globo.com/v/8972072/>>. Acesso em: 28 ago 2024.

LAZARO, Fernanda. A luz de um vermelho entardecer: Os protestos no Chile a partir da fotografia de Susana Hidalgo. **Mosaico**, Rio de Janeiro, vol. 12, n. 18, p. 9-30, 2020. Disponível em: <<https://periodicos.fgv.br/mosaico/article/view/81309/78034>>. Acesso em: 29 jun 2024.

LIMA, Leandro Almeida. Pandemia e agitação social na América Latina. **Centro de Estudos das Negociações Internacionais** (Caeni). Série Especial: Relações Internacionais e Covid-19. São Paulo, ano II, n. 4, p. 1-9, jun. 2020. Disponível em: <https://internationaloffice.usp.br/wp-content/uploads/Analise_Caeni_01junho.pdf>. Acesso em: 21 ago 2024.

LIMA, Thiago (Org). **Segurança alimentar e relações internacionais**. João Pessoa: UFPB, 2019. *Ebook* (180 p.) ISBN: 978-85-237-1399-7. Disponível em: <https://ri.conicet.gov.ar/bitstream/handle/11336/119681/CONICET_Digital_Nro.917ff53a-5171-4946-876c-100836744356_A.pdf?sequence=2&isAllowed=y>. Acesso em: 21 ago 2024.

MELO, Sandra Helena Dias de. O discurso de neutralidade na imprensa. **Linguagem em (Dis)curso - LemD**, Tubarão, v. 5, n. 1, p. 29-40, jul./dez. 2004. Disponível em: <https://portaldeperiodicos.animaeducacao.com.br/index.php/Linguagem_Discurso/article/view/300/316>. Acesso em: 14 ago 2024.

MESQUITA, Marcos; MARINHO, Nicolly; CARNEIRO, Camilo Pereira. A geopolítica da energia na fronteira Brasil-Paraguai: O Tratado de Itaipu. **Revista (RE)DEFINIÇÕES DAS FRONTEIRAS**, Foz do Iguaçu, vol. 1, n. 2, p. 58-73, jun. 2023. Disponível em: <<https://journal.idesf.org.br/index.php/redfront/article/view/53/62>>. Acesso em: 21 ago 2024.

MIGUEL, Luis Felipe; BIROLI, Flávia. A produção da imparcialidade: A construção do discurso universal a partir da perspectiva jornalística. **Revista Brasileira de Ciência Sociais** (RBCS), São Paulo, vol. 25, n. 73, p. 1-19, jun. 2010. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/rbcsoc/a/7mM4dBPXgZMy8zbbVYYB3MN/?format=pdf&lang=pt>>. Acesso em: 16 ago 2024.

MORAES, Thiago Perez Bernardes de; SANTOS, Romer Mottinha; SOZA, Pablo Tagore Palma. Protestos no Chile (2019): Como foram as buscas no YouTube e no Google Notícias? **Revista Ciências Humanas/UNITAU**, Taubaté, vol. 15, ed. 31, p. 1-14, 2022. Disponível em: <<https://www.rchunitau.com.br/index.php/rch/article/view/836/428>>. Acesso em: 29 jun 2024.

NEUTRALIDADE. In: MICHAELIS, Dicionário Brasileiro da Língua Portuguesa. São Paulo: Melhoramentos, 2024. Disponível em: <<https://michaelis.uol.com.br/moderno-portugues/busca/portugues-brasileiro/neutralidade#:~:text=1%20Condi%C3%A7%C3%A3o%20daquele%20que%20se,parte%20em%20um%20conflito%20armado.>>>. Acesso em: 14 ago 2024.

ORLANDI, Eni Pulcinelli. **Análise de discurso: Princípios & Procedimentos**. 10ª ed. Campinas: Pontes, 2012. *Ebook* (100 p.) ISBN 9788571131316. Disponível em: <https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/8041178/mod_resource/content/1/ORLANDI%2C%20Eni%20P.%20An%C3%A1lise%20do%20discurso%20-%20Princ%C3%ADpios%20%20procedimentos.pdf>. Acesso em: 27 ago 2024.

PANNAIN, Rafaela Nunes. Expansão do Estado na Bolívia e Resistências: Entre Hegemonias e Autonomias. **Mediações**, Londrina, vol. 24, n. 1, p. 22-47, jan/abr. 2019. Disponível em:

<<https://ojs.uel.br/revistas/uel/index.php/mediacoes/article/view/35466/32315>>. Acesso em: 21 ago 2024.

PÊCHEUX, Michel. **O discurso: estrutura ou acontecimento**. Tradução de Eni Pulcinelli Orlandi. Campinas: Pontes, 1990. Ebook (68 p.) ISBN 85-7113-043-4. Disponível em: <<https://www.sergiofreire.pro.br/ad/Pecheux-DEA.PDF>>. Acesso em: 27 ago 2024.

PENA, Felipe. **1000 perguntas sobre Jornalismo**. Rio de Janeiro: gen | LTC, 2012.

_____. **Teorias do Jornalismo**. 3ª ed., 1ª reimpressão. São Paulo: Contexto, 2013.

REDE TVT. “Guerra” no PSL - Justiça dá 24h para governo tomar medidas para conter óleo no Nordeste –SJ 21.10. YouTube, 19 out 2019. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=JGwwblMXmXk&t=826s>>. Acesso em: 26 ago 2024.

_____. Mobilizações no Chile seguem a todo vapor! YouTube, 26 out 2019. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=g84xSCbv0uI>>. Acesso em: 27 ago 2024.

_____. Professores brasileiros são os mais desvalorizados SJ 26/10. YouTube, 26 out 2020. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=w-gEX8UmEJ0&list=PLWodS62CKLoKf6iOUIViKL6bX7Ezqip-R>>. Acesso em: 28 ago 2024.

RIUS, Eduardo Julian Almeida. **O regime político contestado na Venezuela (2018-19): As narrativas da mídia e suas relações com a política externa brasileira**. Porto Alegre: UFRGS, 2019. Faculdade de Ciências Econômicas. Departamento de Economia e Relações Internacionais. Bacharelado em Relações Internacionais. 99 f. Disponível em: <<https://lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/224846/001129201.pdf?sequence=1&isAllowed=y>>. Acesso em: 21 ago 2024.

SILVA, Juremir Machado da; LARANGEIRA, Álvaro. Teoria do jornalismo – A hipótese do mediador complexo: da isenção (possível) à independência (necessária). **Galáxia**, São Paulo, vol 47, p. 1-14, 2022. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/gal/a/6rH9bsFB4VmscS4rXz6KmRv/?format=pdf>>. Acesso em: 16 ago 2024.

SPONHOLZ, Liriam. **Jornalismo, conhecimento e objetividade: Além do espelho e das construções**. Florianópolis: Insular, 2009.

TRAQUINA, Nelson. **Teorias do Jornalismo II: A tribo jornalística – Uma comunidade interpretativa transnacional**. Florianópolis: Insular, 2005.

VITERBO, Bruno. Precisamos falar de isenção jornalística – e por que ela precisa acabar. **Medium**, 2018. Disponível em: <<https://newo.cc/precisamos-falar-de-isen%C3%A7%C3%A3o-jornal%C3%ADstica-e-por-que-ela-precisa-acabar-8a95b0a7e6ba>>. Acesso em: 19 ago 2024.

WOLF, Mauro. **Teorias da Comunicação**. Tradução de Maria Jorge Vilar de Figueiredo. 5ª ed. Lisboa: Editorial Presença, 1999.

ZIBECHI, Raúl. **Autonomías y emancipaciones: América Latina en movimiento**. Lima: Fondo Editorial de la Facultad de Ciencias Sociales. Unidad de Post Grado. Universidad Nacional Mayor de San Marcos. Programa Democracia y Transformación Global, 2007.